

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros 8650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega 2120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 58

15 DE MAIO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occi-
dental, GUILHERME D'AZE-
VEDO—A morte da Agula,
LUIZ GUIMARÃES—Viagens
dos srs. Hermenegildo
Capello e Roberto Ivens
na Africa Equatorial,
ALBERTO DE CERVAES—
As noessas gravuras—
Thackeray em Lisboa,
ALBERTO TELLES—De
Buenos Aires à Pampa,
FRANCISCO D'ALMEIDA—
Actualidades scientifi-
cas, locomotiva electri-
ca de Siemens, FRANCISCO
BENEVIDES—Bibliogra-
phia.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL

GRAVURAS. — Exposição
da Sociedade Promoto-
ra de Bellas-Artes em
Portugal, D. Ignez de
Castro, estatua de Si-
mões d'Almeida—Pais-
sagem tomada na char-
neca de Bellas, ao pôr
do sol, quadro de Silva
Porto—Cabo de Espi-
chel, Antigo deposito
de agua, Entrada do si-
tio do Cabo e igreja,
Antiga ermida do mi-
lagre da Senhora do Ca-
bo—Interior do depo-
sito da agua e fonte—
Viagens de exploração
à Africa Equatorial, Co-
mo o rio Quango é no
Quiloco—Caça ao corco-
dillo no Cunene—A lo-
comotiva electrica de
Siemens—Corte longi-
tudinal da locomotiva
electrica—Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Maio é o mez das
flôres. Esta circum-
tancia, que me devia
ter occorrido na chro-
nica passada, occorre-
me simplesmente ago-
ra, a proposito, creio
eu, de, por em quanto,
a respeito do *grande
epico* e das festas do
centenario, haver de
menos em obras o que
ha de mais em flôres
de rhetorica.



D. IGNEZ DE CASTRO — Estatua em marmore, de Simões d'Almeida, pertencente à sr.ª Duquesa de Palmella

(Segundo uma photographia do sr. H. Nunes)

Entretanto eu sou
dos que tem fé no
enthusiasmo civico e dos
que acreditam que elle
ha de acordar no dia
em que nos propomos
a celebrar uma glorio-
sa data. Para o accen-
der basta accender bas-
tante gaz, e parece-me
que ninguem está dis-
posto a regatear este
elemento às festas do
centenario.

— Em quanto não
chega o dia 10 de ju-
nho, a cidade arrasta
conforme pôde a attri-
bulada vida, da sem-
saboria para o *Coliseo*
e do *Coliseo* para a ca-
ma. Entretanto, como
o empresario Amann
é arrojado nas suas
concepções! Sem ser
imperador romano—
por em quanto;— sem
dispôr do dominio do
mundo, unicamente
auxiliado pela sua fan-
tasia e por uma bro-
xa, levanta n'uma noi-
te o colosso que ainda
projecta a sua negra
sombra na noite das
Edades!

É certo que o *Coli-
seo* de Lisboa é apenas
um *fac-simile* reduzi-
do, nem a calçada do
Salitre comporta mais;
entretanto elle já tem
as dimensões sufficien-
tes para dar à baixa
uma idéa do que pôde
ser o original.

Não pensemos todá-
via que todos sejam
propensos às facéis ad-
mirações. Do grande
amphitheatro romano
ouvi eu ainda não ha
muito o seguinte juizo
a um nacional consp-
cuido que voltava de
uma viagem á cidade
eterna.

— Já sei que foi a
Roma. Então que tal
lhe pareceu o *Coliseo*!

— *Bonito edificio!* É
uma pena não estar
acabado.

O *Coliseo* de Lisboa
não tem este inconven-
iente: está comple-

tamente acabado e offerece ao publico espectaculos mais apraziveis do que os presenciados por Nero. Ainda ha tres dias, por exemplo, lá se estreiou Paulo Sarasate a quem o cartaz chama o *primeiro violinista do mundo*, mas ao qual, na verdade, se pode chamar um semi-deos do violino.

Nunca um *stradivarius* celebre alcançou em Lisboa o triumpho alcançado pelo de Sarasate. Nunca n'este seculo a cidade presenciou triumpho mais honesto e mais legitimo! Porque uma prima-dona quando subjuga as multidões, emprega mil meios insidiosos para conseguir a victoria. A meiguice, os gestos enleados, algum talento, a poesia do libereto, as crispções dos dedos, as fulminações do olhar, o prestigio da belleza e ás vezes — alguma voz. Paulo Sarasate é só. Elle e uma pobre rebecca, muito inferior em seducções, pelo que diz respeito ao aspecto, a qualquer *diva* de refugio.

E assim vimos como elle, dispondo d'estes elementos estranhos; uma symphonia de Mendelssonh, que faz dormir tanta gente, e um instrumento de corda que faz enraivecer tanto mortal, conseguiu tirar da pederneira que tantas vezes se abriga na alma popular o raio das grandes commoções!

Em poucas palavras. Quando Sarasate tocava um andante de Mendelssonh, sentia-se manifestamente gemer dentro do seu *stradivarius* o anjo das supremas melancolias. Depois tocando o *Fausto*, ouvia-se lá dentro a gargalhadinha seca de Mephistopheles.

Ou estes dois seres habitam em boa camaradagem n'aquelle instrumento magico, e então Sarasate é um bruxo, ou não habitam e elle então é o semi-deos que já lhe chamei, com licença dos outros semi-deuses que por cá apparecem de quando em quando.

N'este momento assistimos a uma lucta briosa entre os arruamentos da cidade, que até certo momento manifestaram uma indifferença enervante pela memoria de Camões, mas que se vão agora possuindo de uma nobre emolação pelos esplendores das ruas e calçadas suas rivaes. A rua Nova do Almada não pôde consentir que a rua do Oiro lhe leve a palma em devoção civica, e contrapõe-lhe aos renques de luz, colchas de damasco. O largo das Duas Igrejas medita já em coretos de musica, e tudo nos leva a crer que algum pensamento arrojado preoccupa n'este momento a rua Nova do Carmo. As festas do centenario serão pois um desmentido aos scepticos e aos *blasés* que suppunham o espirito publico inteiramente adormecido. É verdade que o sublime epico devera esta consagração mais á rivalidade das freguezias do que ao conceito que os differentes bairros formam dos *Luziadas*, isso entretanto pouco importa e não ha de ser elle que depois de tres seculos de esquecimento se lembre agora de suspeitar da nossa boa fé.

Entretanto uma grave questão preoccupa o nosso mundo musical. Ao passo que a commissão dos festejos vacila entre uma *ode symphonica* e um *hymno marcial*, sem saber a qual dar a preferéncia, temendo com a regeitação do *hymno* offender o sentimento phylarmonico do paiz, um maestro distincto promptifica-se a organisar um canto *orpeonico* para as festas do centenario, lembrança que a alguns parece tão estranha como aquella que já foi aventada n'um jornal, dos bardos portuguezes no dia 10 de junho sahirem o Tejo, indo sobre as aguas do Oceano recitar alternadamente as estrophes dos *Luziadas*.

Se ha coisa para que o espirito publico entre nós seja innapto é para os *orpeons*, que exigem a disciplina harmonica que nos falta em todas as manifestações, — na politica e na musica. A conseguir portanto o maestro Frondoni que duzentas vozes se harmonizem n'um unisono, não lhe deveremos nós entregar a suprema direcção da nossa sociedade, encarregando-o de realisar na moral social e politica, o milagre que conseguiu na musica?

É preciso irmos meditando n'este caso até ao dia 10, se bem que haja quem supponha que a recitação ao som da vaga nas aguas da barra é mais possivel do que um côro sem

acompanhamento, ás brizas do Passeio Publico.

— Se a leitora ainda a estas horas não leu o livro de Alberto Braga, a que me referi na ultima chronica, fez de certo muito mal porque os *Contos d'Aldeia* constituem a mais adoravel colleção de narrativas de que eu ha muito tenho noticia. Dos *Contos da minha lavra* a este livro vae um grande caminho andado. Alberto Braga acentuou difinitivamente a sua individualidade, e hoje, na posse da sua maneira, auxiliado por um bello estylo, pode julgar-se entre nós um contista unico, um miniaturista da prosa como não conheço muitos.

N'um bello folhetim que Bernardo Pindella, escreveu a respeito do author dos *Contos d'Aldeia*, folhetim que provoca n'este momento na imprensa uma polemica aprazivel, apparece perfeitamente bem desenhado o perfil de Alberto Braga, que só por si, sem necessitar de escrever, com o unico instrumento da palavra fallada, sem artificios nem galas de estylo, é o narrador mais interessante que se pode encontrar. Volumes como os *Contos d'Aldeia* faz elle um cada semana, esbanjando-os pelo seu caminho com a despreocupação de quem tem uma mina de perolas e não se preocupa em levantar as que lhe vão caindo.

Possue a pontinha do romantismo necessario para que os seus contos não tenham a aridez das paisagem desoladas; mas, verdade verdade, do romantismo glorioso Alberto Braga não guarda intactos os processos, guarda simplesmente uma capa.

A personalidade do artista é que determina ensensialmente a arte, diz um critico eminente e moderno. Alberto Braga é uma confirmação d'esta verdade. Os *Contos d'Aldeia* são uma obra inspirada pelo meio em que o artista se encontrou n'um dado momento, e se n'este livro se respira desde a primeira á ultima pagina a beatitude das coisas honestas e sinceras, não quer isto dizer que Alberto Braga amanhã no seu livro já annuciado. *As Affinidades Pathologicas* não tenha algumas d'essas *demaisias* com que hoje Flaubert e Zola encham de indignação os seus contradictores.

Fallei em Flaubert! Os jornaes francezes dão-nos a noticia de ter morrido o valente romancista de *Madame Bovary*, d'aquelle livro que, chamado á policia correccional pelo segundo imperio, tem já agora de ficar immortal como documento d'uma epocha chamada por sua vez á policia correccional da historia.

Emfim leitores, leiam os *Contos da Aldeia*, O *Gallo Preto*, a *Volta das Andorinhas*, *Está no Ceu*, e tantas outras delicadas miniaturas encerradas n'este volume e digam-me se é possivel obter effectos mais flagrantés por processos mais simples!

D. Maria II deu-nos os *Burguezes de Pontarcy* de Sardou, excellente obra theatral, trabalhada com aquella arte com que o assignalado dramaturgo se sabe impôr á ingenuidade das platéas. Mais um mez e os theatros de Lisboa repousarão em fim das lides do inverno. Ficam-nos os passatempos ao ar livre: a briza respirada a largos pulmões á beiramar, e a somnolencia com grandes abrimentos de bocca no Passeio Publico.

GUILHERME D'AZEVEDO.

A MORTE DA AGUIA

A bordo vinha uma aguia. Era um presente
Que um potentado, — um certo rei do Oriente,
Mandava a outro: — um mimo soberano.
Era uma aguia real. Entre a sombria
Grade da jaula o seu olhar luzia,
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ella curvava
Ao niveo collo a fronte que scismava...
E enquanto as ondas turbidas gemiam
Ao som do vento — em lugubres lamentos,
Ella pensava nos longinquos ventos
Que do Hymalaia os pincaos varriam.

Fôra uma infame e traioeira bala,
Que do regio fuzil negra vassalla,
Invisivel — uma aza lhe partira:
Cheia de luz, tranquilla, magestosa,
Dobrando a fronte branca e poderosa,
Aos pés de um rei a aguia real cahira.

Os bonzos vis, propheticos doutores,
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,
Que um venenoso balsamo tentava
Apaziguar em vão, — diziam rindo:
«Não ha no mundo um exemplar mais lindo:
Vale um imperio!» — E a aguia agonisava.

Um dia, emfim, o animal valente
Resistindo aos martyrios, — largamente
Respirou a amplidão. A aza possante
Abrir tentou de novo. Aberta estava
A jaula colossal que a esperava:
Forçoso era partir. Desde esse instante,

Muda, sombria, a aguia pensativa,
Solemne martyr, victima captiva,
Terror dos vis, e symbolo dos bravos,
Pedi a morte a Deus, — pediu-a anciosa,
Longe, porém, da côrte vergonhosa
D'esse covarde e baixo rei de escravos.

Pedi a morte a Deus, o cataclismo,
As convulsões electricas do abysmo,
As batalhas do ar! Morrer n'um grito
Vibrante, immenso, heroico, soberano,
E rolar sobre as ondas do Oceano,
Como um titão cahido do infinito.

Morrer livre, cercada de victorias,
Com suas azas — pavilhão de glorias —
Inundadas da luz que o sol espalha:
Ter o fundo do mar por catacumba,
As orações do vento que retumba,
E as ferventes espumas por mortalha.

Por isso, melancolica, tristonha,
Como um gigante morbido que sonha,
Fitava, ás vezes, o revolto Oceano
Com esse olhar nublado e delirante,
Com que saudava a Cesar triumphante
O moribundo gladiador romano

O comandante — urso do mar bondoso —
Disse um dia ao escravo rancoroso,
Ao carcereiro estúpido e inclemente:
«Leve-a ao convéz. Verá que esse desmaio
Basta para apagal-o um brando raio
Do largo sol no rubido oriente.»

Subiu então a jaula ao tombadilho:
Do nato dia o purpurino brilho
Salpicava de luz o céu nevado...
E a aguia, elevando a palpebra dormente,
Abriu as azas ao clarão nascente
Como as hastes de um leque illuminado.

O mar gemia, lobrego e espumante,
Agoitando o navio, — além — distante,
Nas flammejantes bordas do horisonte,
As matutinas nevoas que ondulavam
Em suas varias curvas figuravam
Os largos flancos triumphaes de um monte.

«Abra-lhe a porta da prisão», (ridente
O commandante disse): «Esta corrente
Para conter-lhe o vôo é mais que forte:
Voar! pobre infeliz! causa piedade!
Dê-lhe um momento de ar e liberdade.
Unico meio de a salvar da morte.»

Quando a porta se abriu, — como uma tromba,
Como o invencivel furacão que arromba
Da tempestade as negras barricadas,
A aguia lançou por terra o escravo pasmo,
E, desprendendo um grito de sarcasmo,
Moveu as azas soltas e espilmadas.

Pairou sobre o navio — immensa e bella —
Como uma branca, uma isolada véla
A demandar um livre e novo mundo;
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,
E como um turbilhão de aguias frementes,
Zunia o vento na amplidão, — profundo.

Ella lutou, em vão! Nova agonia
Suffocava-a. O escravo lhe estendia
Os miseráveis e covardes braços;
Nú o Oceano ao longe scintillava,
E a rainha do ar, em vão, buscava
Onde pousar os grandes membros lassos.

Sobre o barco pairou ainda, — e alçando,
Alçando mais os vãos, e afogando
Na luz do sol a fronte alvincente,
Ebria de espaço, ebria de liberdade,
Como um astro que cae da immensidade,
Afundou-se nas ondas de repente.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Dos Sonetos e Rimas.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA
DE BELLAS-ARTES

PAIZAGEM DA CHARNICA DE BELLAS, AO POR DO SOL

Está aberto um certamen artistico digno a mais d'um respeito da attenção da critica. O publico intelligente tem de certo já tido occasião de visitar a exposição da sociedade promotora de Bellas-Artes, avaliando as excellentes manifestações de d'esta vez nos apresenta a *arte nacional*. a qual d'ora avante podemos deixar de considerar um simples mytho.

O OCCIDENTE enceta hoje a reproducção de alguns dos trabalhos que mais se assignalam na exposição presente, e não é de certo esta a forma menos pratica de ir successivamente fazendo conhecer aos leitores, a importancia de varias obras d'arte e a somma de aptidão dos nossos artistas.

Depois dos admiraveis retratos de Carolus Duran, um grande mestre da moderna escola franceza que d'esta vez se enfileira ao lado dos artistas nacionaes, os quadros do sr. Silva Porto, que ainda não ha muito concluiu os seus estudos em Paris, constituem o maior incentivo á curiosidade publica, justificando a reputação que o seu auctor soube adquirir nas escolas de França e da Italia.

O sr. Silva Porto, é o que se pode chamar — um artista sério. Dotado d'um estylo largo e firme, inteiramente isempto de convencionalismos, sabe modificar a sua maneira conforme o assumpto que trata. A sua pintura sempre sincera adapta-se perfeitamente á paisagem peninsular; paisagem terrivel em que as relações da perspectiva aerea quasi que contradizem as verdades mathematicas da perspectiva linear.

Com quanto exerça ha pouco menos d'um anno as funções de professor da paisagem, a sua influencia já se faz sentir não só nos seus discipulos, cujos progressos o publico vae tendo occasião de admirar, mas tambem em alguns dos nossos artistas, como o sr. Malhoa, Pinto, etc.

O publico tem acolhido com sympathia os quadros do sr. Porto e entende-os melhor do que era de esperar, o que até certo ponto é um symptoma magnifico para a nova evlução artistica.

O quadro que a nossa gravura hoje reproduz, segundo um desenho do proprio auctor, é notavel pelo sentimento da cor e de verdade local, e bello na sua simplicidade, como outros do sr. Silva Porto que successivamente iremos reproduzindo.

D. IGNEZ DE CASTRO

Estatueta de Simões de Almeida

Mais d'uma vez temos reproduzido trabalhos do distincto escultor o sr. Simões de Almeida, e mais d'uma vez nos temos occupado da individualidade do talentoso artista.

Na primeira pagina do OCCIDENTE, reproduzimos hoje a sua bella statueta D. Ignéz de Castro, tão notavel pelo sentimento que caracteriza esta legendaria e poetica figura da nossa historia, como pela correção e pelo rigor dos accessorios, pureza das linhas e interpretação psicologica do personagem.

Esta estatua pertence hoje á sr.^a duqueza de Palmella, e não é com certeza das obras que menos honram a nossa arte moderna.

CABO DE ESPICHEL — SENHORA DO CABO

As festas da Senhora do Cabo são, sem duvida, das mais populares. Em chegando o mez de maio, começam

os cirios a encaminharem-se para aquelle local, senão já com a devoção de outras eras, pelo menos com o regosio proprio das diversões mundanas.

Sobre a origem d'esta festa, conta-se que foi um velho de Alcabideche e uma mulher de Caparica que descobriram, sobre a rocha do Cabo, uma imagem da Virgem montada em uma mula, e ali lhe erigiram uma capella de alecrim, á falta de melhor material.

Isto succedeu cerca do anno 1400, pois que em 1428 Diogo Mendes de Vasconcellos, que parece ter sido senhorio d'aquelles dominios doou aos dominicanos de Bemfica o sitio do Cabo com a ermida, que se vê na nossa gravura, e que então se denominava capella de Santa Maria da Pedra da Mua.

Pelos annos de 1707 é que foi concluida a igreja e para alli trasladada, da antiga ermida, a imagem da Virgem, com grandes festas em que se gastou 1:660\$000 réis, quantia muito importante para aquella época.

Em 1715 construíram-se as dependencias da igreja ou hospedarias destinadas a alojarem os romeiros que ali vão com os cirios.

O interior do templo é vasto, todo revestido de marmores da serra da Arrabida e adornado com quadros de Lourenço da Cunha, o melhor pintor da epoca em Portugal.

Tem onze altares feitos por diversos festeiros, e todos os reis de Portugal desde D. João I tem enriquecido a Senhora do Cabo com grandes dadivas, que constituem um capital importante, que parece estar hoje muito depreciado, talvez por administrações menos escrupulosas.

Em 1770 mandou el-rei D. José I restaurar o templo e n'esse anno o foi visitar por occasião das festas. Foi n'este mesmo anno que mandou construir o deposito ou casa da agua.

Quem quizer saber mais alguns promenores, pode consultar o *Santuário Marianno e o Summario de varia Historia*, onde se encontra mais desenvolvida noticia.

VIAGENS

DOS SRs.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS
na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

III

Uma extensa cordilheira atravessa a Africa de sueste a noroeste, de 19 a 16° de longitude, entre os parallelos 11 e 8. A principio, do Quioco até a oeste de Caginga, por 8° de latitude, essa cordilheira é denominada Tala Mogongo; em seguida, ao norte das terras do Bondo, chama-se Catanha, e, ainda continuando para noroeste, já nas terras de Motamba, chama-se Catuca.

D'ahi para o norte, a orographia toma repentinamente um caracter novo. As altas serranias são abruptamente cortadas. O desnivelamento é consideravel, fazendo, n'um pequeno espaço, baixar muito as terras.

Conhece-se ahi que, se chegou á aresta superior d'um dos lados da grande bacia hydrographica do immenso Congo-Zaire.

Em Tala Mogongo, as altitudes são de mais de 1:200 metros; em baixo, nas terras de Ginga, e no Hungo, de 700, 600 e 500 metros, como os exploradores chegaram a determinar.

Tala Mogongo fórma, do Songo Grande ao Songo Pequeno, um longo quadrilatero entre dois grandes rios: a oeste o Cuanza, a leste o Cuango.

É na grande cataracta de Caparanga que, como já vimos, este, salta as penedias do ultimo contraforte das grandes montanhas.

D'ahi para o norte, as margens deixam de ser abruptas, e o rio corre, mais tranquillo, pelas planicies do Chinge e pelas terras do longo e do Holo.

Pouco abaixo do paralelo 8, quando o Cuango já começa a tomar uma direcção mais continua para noroeste, encontra-se a cataracta de Sucu-ia-Moquita, nas terras do Tembo-Aluma-Munene, ou, como querem significar os indigenas, «do grande elephante.»

Este ponto é particularmente importante, e foi visitado por Ivens n'uma excursão especial:

Ahi passa, para os sertões pouco ou nada co-nhecidos de leste, um trilho commercial muito frequentado. Para oeste, este caminho dirige-se ao logar que os negros chamam N'Hoje, e nós chamamos Encoche, *Pambo*, ou encruzilhada, interessante, por n'ella se reunirem tres caminhos: um, que corre ao sul, para o Dande; o outro, ao norte, para o Bembe; e o terceiro, entre os dois anteriores, para oeste, até ao Ambriz, na costa.

Como já disse, as terras do Hungo e do Jinga, parecem resultar do desabamento de uma grande parte de Tala Mogongo e Catanha, como se estas montanhas se esbrosassem em massas irregulares, atormentadas e numerosas, dispersas, aos pés da alta serra, por uma grande area.

Nascendo nas vertentes da serra Catanha, o rio Cambo corre pelas terras de Jinga e entra no Cuango, por 7°,45' de latitude sul. O curso d'este rio foi pela primeira vez, proximamente determinado por Capello e Ivens. Mais ao norte, e vindo da serra Catuca, o rio Hamba vem affluir ao Cambo. É este o rio que passa na corte de Jinga onde está o N'Gola Quiluanze-Quiassamba, hoje rei apenas d'esses territorios, mas descendente dos reis de N'Gola ou Angola, que antes dos portuguezes, e mais effectivamente do que estes dominaram nos territorios do que é hoje, a nossa provincia de Angola.

Para oeste da serra Catuca e das terras altas de Matamba, corre o rio Caoali, grande affluente do Cugho, de que já fallei.

É este ultimo rio, que entra no Cuango, por 7°,25' de latitude, o que cerca, por oeste e pelo sul, a interessante região que occupa o logar assignado ao hypothetico lago Aquilonda, até ás terras de Quicongo.

Ahi os lagos são numerosos e occupam quasi todos os valles profundos, entalados entre montes abruptos, de formas arredondadas, como se fossem muitos paens gigantes, justapontos. Estes lagos tem todos agua doce e communicam todos, por meio de pequenos rios, ou com o Cugho, que corre ao sul, ou directamente com o Cuango, que corre a leste.

Nas grandes serranias que deixo descriptas no começo d'este artigo, as florestas cobrem todos os terrenos. Quando porém estes baixam, a grande vegetação concentra-se nos valles profundos, e, nas terras mais altas o capim, que ao sul é gigantesco, é ao norte rasteiro, poucas vezes excedendo meio metro.

É porém n'esses valles profundos que apparecem os *muchitos*, espessos e difficilmente penetraveis, de que já fallei, com o *Elais qui néensis*, ou palmeira do oleo, o Denden, a arvore que dá a borracha, a que dá o *Bafo* ou balsamo d'Arceu, e o bordão d'onde se tira o marufo ou malavo, que é o vinho dos sertões.

O ultimo ponto determinado, a distancia, por Capello e Ivens, no curso do Cuango, pôde considerar-se como o paralelo 6.", já nas terras de Iaca que d'ali se estendem pela margem direita do Cuango, até ao Zaire, onde Stanley as viu na sua viagem, dando-lhes, com a sua notavel aptidão inteiramente ingleza para estragar nomes, a denominação de Ibaca.

D'aqui para o norte, as terras, já relativamente proximas do grande rio, vão successivamente baixando, para se tornarem, segundo todas as informações colhidas pelos exploradores, em grandes alagamentos, perto da confluencia dos grandes rios que vem do sul, com o Cassai ou com o Zaire.

A reproducção de dois desenhos feitos do natural pelo sr. Ivens permittirá aos leitores fazerem uma ideia exacta dos paizes que, segundo as preciosas informações dos notaveis viajantes eu aqui fôr descrevendo.

(Continúa)

ALBERTO DE CERVAES.

ERRATAS IMPORTANTES

Pag. 67	col. 1	lin. 85	Quifanjimbo
•	•	•	2 lago Tanganica
•	•	•	13 Sucu-ia-Muquita
•	•	•	20 Muene-Coje
•	•	•	21 Cuango
•	•	•	70 Jinga

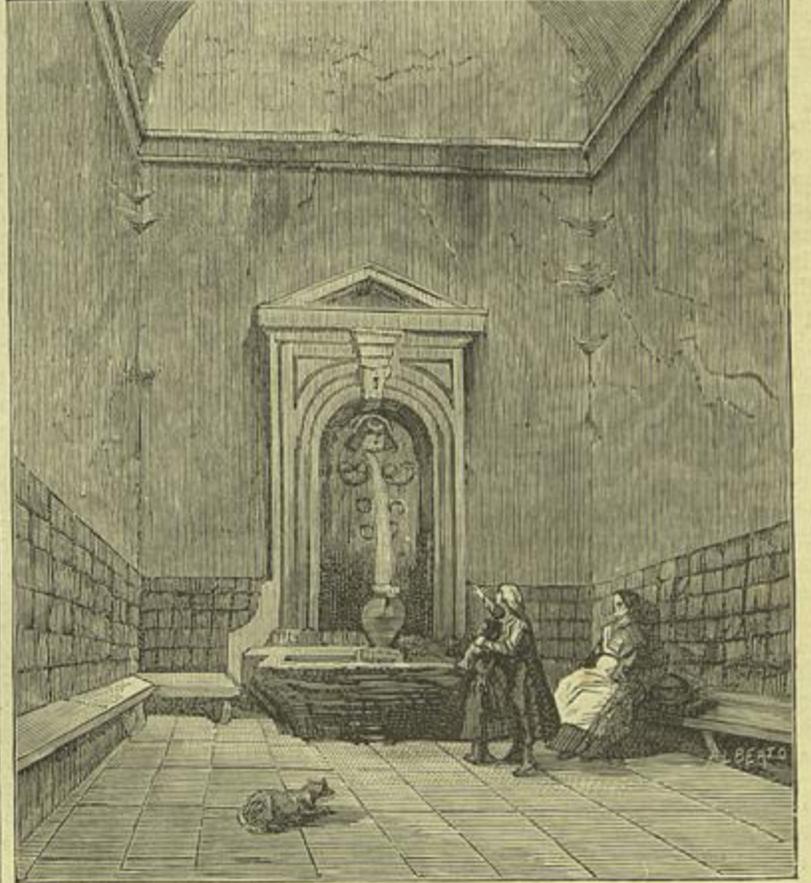
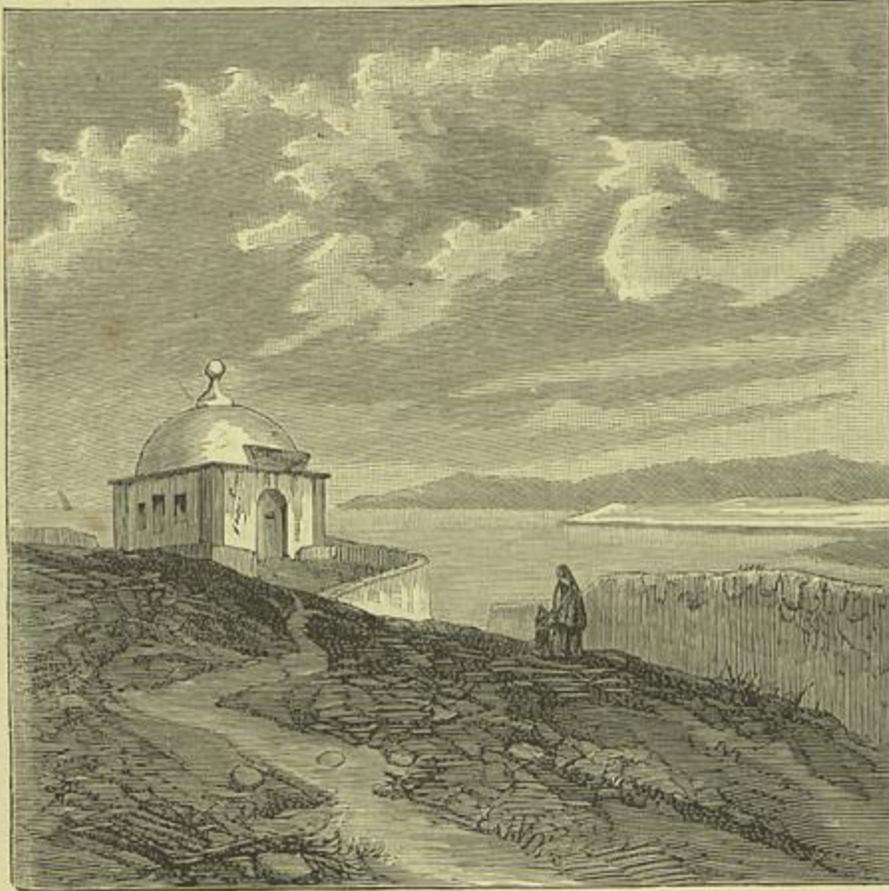
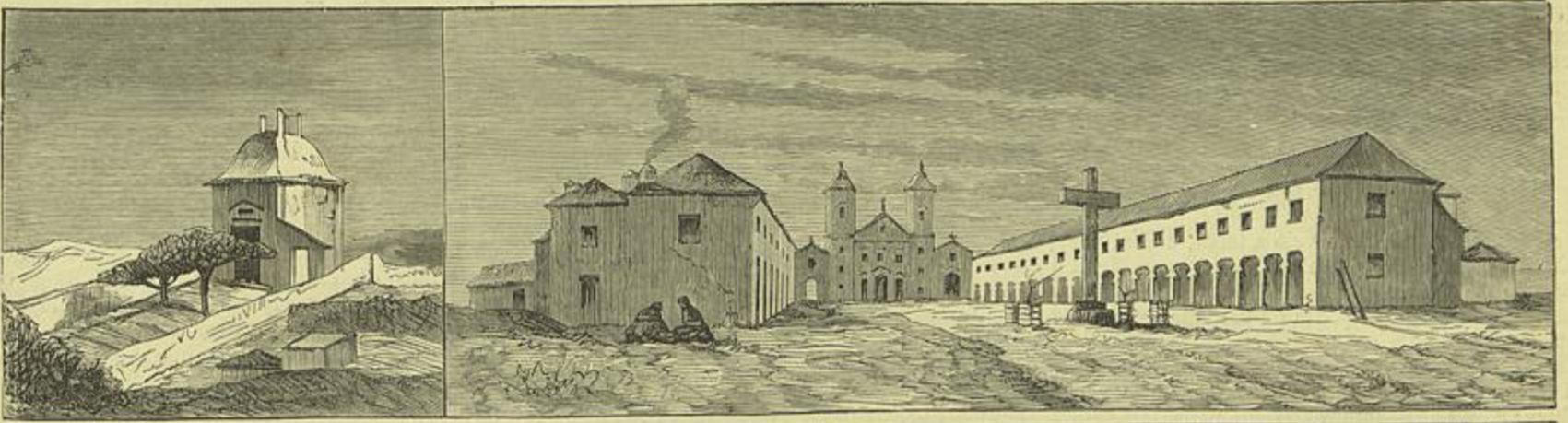
EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL



PAISAGEM TOMADA NA CHARNECA DE BELLAS, AO PÔR DO SOL — Quadro de Silva Porto, pertencente a Sua Magestade El-Rei D. Fernando

(Desenho do mesmo auctor)

CABO DE ESPICHEL



ANTIGO DEPOSITO DA AGUA — ENTRADA DO SITIO DO CABO E EGREJA — ANTIGA ERMIDA DO MILAGRE DA SENHORA DO CABO
INTERIOR DO DEPOSITO DA AGUA E FONTE (desenhos do natural por A. Keil)

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



COMO O RIO QUANGO É EM QUIOCO (extrahido do album de viagens dos exploradores Capello e Ivens)

THACKERAY EM LISBOA

Who shall be the hero of
this tale? Not I who
write it. I am but the
Chorus of the Play.

THACKERAY — *Lovel the Widower*.

No anno de 1844 tocou em Lisboa, de passagem para o Egypto, Guilherme Thackeray. Basta proferir este nome para logo todos se recordarem de um dos principaes entre os melhores escriptores românticos de Inglaterra. Mas quem ha de, sequer, suspeitar, ao percorrer a lista das suas obras, que sob o titulo de *Notas de uma viagem de Cornhill até o Cairo* estão reunidas muitas observações interessantes sobre a sua vinda a esta occidental praia lusitana? Pois é verdade: Thackeray esteve em Lisboa, onde se demorou um dia.

Ignorei por largo espaço que o celebre auctor da *Feira da Vaidade*, arguto e mordacissimo critico dos *Quatro Jorges*, visitára a península hispanica, como antes e depois d'elle fizeram outros conterraneos seus e seus

brother-poets. Quando tal soube, fui procurar nas folhas periodicas d'aquelle tempo alguma noticia da sua chegada. Baldado empenho. Era completamente ignorado em Portugal até o nome do primoroso escriptor, cuja graça picante e mui engenhosas ficções foram sempre tão populares em Londres que bem podia elle, ufano da sua grande reputação, dizer como outrora o poeta Marcial:

*Laudat, amat nostros mea Roma libellos:
Meque sinus omnis, me manus omnis habet.*

O illustre romancista veio a terra, andou por ahi, metteu-se depois n'um carro para ir a Belem, foi jantar a uma hospedaria, e sobre tarde embarcou. Não podia na verdade ser mais curta esta visita, mas tal é a arte dos inglezes para aproveitarem o tempo, cujo valor inestimavel cifraram no bem conhecido mote — *Tempo é dinheiro*—que realmente causa espanto como elle ponde, n'um só dia, ir ver e procurar ver tanta cousa! São das mais originaes que tenho lido as poucas paginas d'esta viagem do Thackeray, que formam uma variada collecção de esboços, um album de *touriste*. Em geral, as suas observações lançadas no papel ao correr da penna, com a precipitação de quem passou aqui sómente algumas horas, surpreendem, como a photographia, a realidade em flagrante: são de uma fidelidade assombrosa. Entretanto algumas ha tão despropositadas que, a meu juizo, nem pôde escusar-as a excentricidade britannica. Elle troca, e não sabe o nome ás cousas, o que faz alguma confusão, mas nada influe para que a apreciação d'ellas seja boa ou má. Também diz mal de tudo ou quasi tudo o que viu, e rende muitos louvores ao que não viu. De um passeio onde o levaram depois de ter estado em S. Roque (S. Pedro de Alcantara, como adiante veremos) avista muitas igrejas elevadas, referindo-se, como é de crer, ás que mais dão na vista: S. Vicente de Fóra, a Graça, a Pena, o Monte, a Penha de França. Ao palacio da Ajuda chama das Necessidades, e *vice-versa*. A estatua equestre, para elle, é estatua de D. João. E, finalmente, como todos os inglezes que residem em Portugal, em vez de dizer Terreiro do Paço, diz praça do Cavallo Preto (*the Black Horse's square*). Uma trapalhada!

I

Thackeray e Edgar Quinet. — A capella de S. Roque.
— As igrejas de Lisboa. — Architectura dos jesuitas.

Davam nove horas da manhã quando Thackeray veio passear á torreira do sol pelas bellas ruas de Lisboa.

Era no mez de agosto. Afflige-o o calor, sufoca-o a poeira. Então quebrantam as forças e o andar esbofa quando a calma queima as hervas, secca as fontes, e faz emmudecer as aves. Então a mesma vontade se enerva quando o sol rutilante dos fogos da canicula abraza o solo. E quem ia, como elle, passar as columnas de Hercules em direcção ao Cairo não devia talvez receiar muito mais ardores do sol que esbrazeia o morro de Gibraltar e as fronteiras praias do imperio de Marrocos.

A luz muito forte faz tremer a vista, e os edificios pareciam-lhe como que abalar. A idéa de um desarranjo da natureza atravessou-lhe o espirito, e como a sombra de Luiz de Camões acompanhou aqui sempre Edgar Quinet, assim direi que o pesadello do terramoto, o qual fez descer Voltaire do seu optimismo, foi inseparavel do nosso viajante. — *I thought it looked so hot and shaky, that one might fancy a return of the fit.* — «Lisboa, diz elle, parecia tão ardente e oscillante que era licito futurar a repetição do terramoto.» Notemos de passagem que esta preocupação não é pouco vulgar nos estrangeiros que tem escripto ácerca de Portugal. Um que esteve aqui, ha annos, fez a seguinte observação: «E' pasmoso que se atrevam a dar tamanha elevação ás casas n'uma

cidade que já por tres vezes tem sido destruida inteiramente por tremores de terra, e tão sujeita a estas convulsões que quasi se não passa anno em que os não sinta mais ou menos fortes.»

Ao passo que vae galgando a calçada de S. Roque, por onde a sua digressão começou, com o fim de ver a capella de S. João Baptista, Thackeray ergue a voz contra o costume, ou como elle se exprime, a superstição que ha em toda a parte de correr a admirar as cousas mais notaveis. «Suspiraes debalde para o evitar; — não ha remedio senão ir, embora se saiba que em todas as grandes cidades esses *leões*¹ rugem da mesma sorte; que as igrejas são mais ou menos espaçosas e esplendidas, os palacios muito grandes, em toda a redondeza da terra; e que mui difficilmente haverá na Europa uma capital em que não se contem uma ou duas pomposas estatuas de algum imperador de cabelleira, nariz de papagaio, e vestuario romano, a meneiar o bastão sobre os flancos anafados da sua besta de bronze.» Sobre este capitulo Thackeray observa que só vio esses magestosos *leões* velhos em Lisboa, cujo rugido muito ha que não põe medo a ninguém: — *whose roar has long since ceased to frighten one.* — Aqui está mais um testemunho, bem eloquente na sua cruel ironia, de quanto a decadencia de Portugal é vista com bons olhos pelos estrangeiros. Escusado é dizer que somos sempre tratados com esse desprezo, e que nos vingamos em não os ler, primeiro; e, depois, em dizer mal d'elles!

Passemos a diante.

«Fomos primeiramente, diz Thackeray, á igreja de S. Roque para ver uma magnifica peça de mosaico que ali ha; famosa obra de arte que foi comprada não sei por quanto, e por que rei. Apesar de não chegarmos a vê-la, podem todos confiar n'esta informação. Collocada n'uma capella lateral, e vellada aos olhos por grandes cortinas sujas de damasco, aquella preciosidade está sob a guarda de um sacristão. Ora, este sujeito estava ainda recolhido, quando nós lá fomos, e antes de sua mercê ter acabado de fazer o seu *toulette* é claro que não podem correr-se as cortinas.»

Isto é verdade: um viajante mais recente informou tambem a Europa que para alguém entrar na capella é mister pedir licença primeiro ao sacristão, que sempre a dá — observa Olivier Mersou (*Guide du Voyageur à Lisbonne*, 1857, pag. 99.). E porque? Custa dois pintos, diz Thackeray: — *at the price of a dollar.*

E prosegue:

«De maneira que fomos poupados a essa exposição de mosaicos. Eu por mim experimento sempre um desafogo, um allivio, quando tal cousa me succede. Conscio de haver cumprido o meu dever pelo facto de ter ido para admirar o monstruoso animal (*the enormous animal*²), se elle não está em casa, — *Virtute mea me etc.*, — fiz tudo quanto em mim cabia: — que mais se pôde exigir de um simples mortal?»

Pouco diz Thackeray das igrejas de Lisboa, mas esse pouco com muito acerto: «As igrejas que vi pertenciam á florida architectura de cabelleira, ao pomposo genero de ornamentação de couve-flor, que era moda no tempo de Luiz XV.» Não pôde ser mais bem definido o estylo rococó!

O falso gosto predominante no reinado de D. João V perpetuou-se, depois do terramoto, n'essas construcções vulgares em que a exaggeração dos ornatos, desviando o pensamento da idéa principal, que fica sem expressão, prejudica o effeito geral, estraga tudo, e faz dos templos uma coisa absurda e ridicula.³

¹ Quer dizer cousas que dão brado, cousas dignas de ver-se.

² Falla no mesmo sentido que deu á palavra — liões.

³ ... tam villans, tam ridiculas e absurdas construcções publicas como essas quasi todas que ha um seculo se fazem em Portugal. — Garrett, *Viagens na minha terra*, t. II, pag. 24.

... vemos alevantar edificios de negociantes, e igrejas a que impia e ridiculamente se dá o nome de bonitas. — *Panorama de 1838*, pag. 275.

Edificios monotonos, bem esquadriados e symmetricos, por dentro muito claros e friamente correctos, são, em todo o rigor da expressão, o que lhes chamou Herculano — *meia duzia de armazens ao divino*: «Vemos igrejas como a da Encarnação e dos Martyres, caídas, pulidas e alindadas, onde não móra um só pensamento de Deus» — diz o *Panorama de 1838*, pag. 275. É por isso que, ao entrarmos uma d'essas igrejas da baixa, cae-nos a alma aos pés, em vez de se exaltar até Deus na oração, na meditação e no extasi, que promana do intimo scismar e do esquecimento, embora passageiro, do que é mundano e terreno, das realidades materiaes da existencia. Falta-lhes o sentimento, a poesia o mysterio, o terrivel *memento* da eternidade, essa encoberta região, da qual nenhum viajante ainda voltou, como diz *Hamlet*:

*The undiscover'd country, from whose bourn
No traveller returns.*

Admira que Thackeray falle em geral do bonito gosto das igrejas de Lisboa, e, tendo penetrado na de S. Roque, não diga, sequer, uma palavra sobre a architectura peculiar ás igrejas dos jesuitas; architectura acanhada, submissa, nulla, como a vontade dos filhos de Santo Ignacio, inteiramente subordinada, não a Deus, mas ao geral da ordem. Quem poderá dizer o que essa architectura significa? «Não ha alma, não ha genio, não ha espirito n'aquellas massas pesadas, sem elegancia nem simplicidade» — diz Garrett. O que é não sei: — uma coisa duvidosa, equivocada, como os tortuosos meneios dos jesuitas. Por toda a parte a mesma, essa architectura tem, me parece, um vislumbre da universalidade caracteristica dos intuitos da celebre companhia. No nosso Portugal as igrejas de jesuitas que tenho visto foram todas levantadas pelo mesmo plano, com pequenas alterações, no que toca á disposição geral. Ver uma é ver todas: — um mysterio, um enigma, um impenetravel segredo. Era isso a companhia de Jesus.

ALBERTO TELLES.

DE BUENOS AIRES A PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

— Adios, Tigre, exclamou Gutierrez, ao afastar-se do molhe o elegante vapor em que tomámos passagem para o Rosario. Adios!

— Risueño testigo de alegrias y sueños juveniles, ajuntou Santiago Estrada.

— Almeida está triste, observou Behety.

— No admira! acudiu Gutierrez, e cantorolou:

Las tiernas hijas del Plata
Mas frescas son que las flores;
Sus palabras son amores,
Dulce halago es su mirar.
¡Infeliz quien sus virtudes
Y quien sus gracias no admira!
¡Mas infeliz quien las mira
Y las tiene que dejar!

Qual la lumbre que de noche
La luna esparce en los cielos,
Nos vierten ellas consuelos
En las horas de amargor.
Y si risueño el Destino
Placeres nos atesora,
Son como flor que en la aurora
Nos embriaga con su olor.

Sus bellos ojos alcanzan
De los amores la palma;
A traves de ellos el alma
Se ve cándida brillar,

Como entre arena plateada
Refleja el nácar luciente,
A través de la corriente
Del augusto Paraná.

Sus corazones abrigan
La pureza de su cielo,
La inocencia de su suelo,
Lo benigno de su sol:
Al picaflor ellas vencen
En viveza y en donaire,
Y les da la flor-del aire
Su fragancia y su frescor.

.....
.....
; Adios, estrellado cielo!
; Adios, oh rio argentino!
Donde me arrastre el Destino
Serán tus hijas mi amor.
; Cual habrá entre ellas que un dia
Mi oscuro nombre repita?...
; Ningun corazon palpita
Cuando oye mi triste *Adios*?

— Muy bien, señor de Gutierrez!

No azulado espaço, o sol, em toda a sua magnificencia, enviando á terra, atravez o fluido de uma atmosphera purissima, deslumbrante, os seus ardentes raios vivificados; a nossos pés, o gigante sul-americano, espriguiçando-se, sereno e risonho, em seu enormissimo leito, que se estende até ao oceano; na alegre e pitoresca margem, graciosas collinas, quaes açafates de virentes plantas, arrastando as suas longas faldas floridas, esmaltadas de pradarias, quintas, jardins, hortas, casinhas rusticas, elegantes *chalets*, e povoadas de arvores fructiferas, que, alternando, aqui e alli, com bosques espessos, parece disputarem-se os sitios mais amenos; a rama tremulando ao bafo embalsamado de umá aragem acariciadora; as folhas, feridas pela luz vivissima do radiante astro, formando entalhes transparentes de ouro e verdura; ao largo, dois brigues, uma barca, varias baleeiras, com as suas douradas vélas, deslizando suavemente a sabor da brisa; aqui uma lancha, cujos remos batem cadenciosamente na agua sonora, deixando atraz de si duas rixadas esteiras, que logo desaparecem; os açoutes violentos das rodas impetuosas do vapor; o borbulhar da agua na proa, e os seus beijos plangorosos nas areias da praia; o zumbido de milhares de insectos, embriagados de luz, ufanos da sua liberdade, revolteando pelo ar ou retouçando, alvoroçados, sobre a liquida superficie; o fagueiro susurro da folhagem; o alegre trinado das aves canoras...

E' esplendido!

— Encantos del Plata! disse Santiago Estrada. Feliz quien puede disfrutaros con un corazon sereno y tranquilo, sin cuidados...

— Y con mucha plata em el bolsillo, concluiu Gutierrez.

— Es maravilloso! exclamou Balleto, que, como eu, encostado á amurada, parecia absorto na contemplação d'aquelle quadro, ao momento, realçado e aformoseado pela passagem de uma nuvem branca como a neve, que o hervoso solo e o rio acatasolou de cambiantes de sombra e de luz.

— No hay como la Primavera, para este genero de decoracion, observou Behety, dando-me uma leve palmada no hombro.

— La Primavera, amigo, decia no sé quien, es la alegria cándida de un corazon que cree haber nacido únicamente para el placer; las esperanzas halagueñas de la edad venturosa en que no se conocen los desengaños; la primera sonrisa que dá al mundo el labio placentero, que no ha bebido todavia en la copa amarga del pesar...

— Mas, amigo Santiago, interrompeu Gutierrez, decia mi abuelo que la naturaleza, como el corazon del hombre, tiene su otoño y su invierno.

— Verdad! Pero la tierra renace cada año á la alegría; el hombre no disfruta sino una primavera, que, fugaz y pronto marchita, no torna para él nunca jamás!

— Eso decia el señor mi tío.

— A pesar, empero, de todas esas tan preconizadas pompas y bellezas de la Primavera, tornou Gutierrez, em tom doutoral, meneando a cabeça; admiro mucho mas el Invierno: es un artista mas inspirado y fecundo!

— Fecundissimo, amigo, acudiu Cobo, en agua, piedra, rayos, viento y frio! Sus cuadros son una delicia, una consolacion!...

— Para los vagos pasados, presentes y futuros de este mundo sublunar, interveiu Behety, lançando um olhar muito comico sobre Gutierrez.

— Yo no soy vago, compañero! Yo soy un digno empleado de la aduana de Buenos Aires...

— El rey de los haraganes!

— Por supuesto, hermano... Y ese es el único motivo por que yo viajo!...

— Pois eu, meus amigos, viajo porque... não tenho dinheiro.

— Eso es broma!

— Pero, decia usted, señor de Cobo, á proposito de los cuadros del Invierno...

— Oh! que cosa mas linda! señor de Gutierrez. Hay uno en el cual la tierra, aterida y mística, parece condenada á la esterilidad!...

— Admirable! cortou Behety.

— Infelizmente, señores, notou Gutierrez, jamás llegaremos á bien juzgar de esas obras estupendas, por que la envidiosa Primavera, tan luego como le consta que su émulo el Invierno, el grande artista, exhibió sus riquissimos trabajos de naturaleza muerta, inmediatamente se presenta con grande bombo, seduciendo los corazones debiles con sus amables risas y lentejuelas, consiguiendo asi desviar la atencion de lo que es verdaderamente grande hácia unos lienzos en los cuales no hay mas que un triste crecer, retoñar e florecer de árboles, plantas, flores, valles, montes, llanuras y colinas; la tierra, en una palabra, abriendo, sin gracia, su seno á las inugotables minas de vida que encierra, y la más incómoda vegetacion rebosando en su superficie! Una desgracia!

— Es verdad! compañero.

— Y entonces llueve exclamaciones: Escelsa decoracion! Marivillosa paisage! Transformacion portentosa! Que verdor! que lozania! que frondosidad! Que pincel!

— Parvulitos! amigo.

— Y ciertos vates, que yo conozco, proseguiu Gutierrez, indicando Balleto e Behety, refun-

fuñan, entusiasmados, en sus jaulas: Prodigio, que los ojos no se cansan de contemplar! Himno sublime que desde el principio del mundo canta todos los años la creacion!... Mira, Almeida, mira! Que hermosura y em beleso en cuantos objetos nos rodean!... Este es el lindo pueblo de las Conchas, celebrado por los poetas del celeste imperio en cadenciosos versos de setenta e dos silabas!

— Decididamente, gritou Cobo, este calavera quiere ahogarnos en borricadas!

— Yo no hablo con usted; hablo con mi amigo Almeida. Mira, grunjo, continuou, metiendo-me o braço e apontando para a margem com o dedo. Mira: uno, dos, tres, cuatro, bosques de sanoces!... Una,

dos, tres, diez, veinte, treinta moradas, cual mas elegante y lujosa, reinan do en todas ellas un aseio admirable, y respirando cierto bienestar y sosiego interiores, no es verdad? Mira: miles de naranjos, államos, acacias, glicinas, madrelecas... Oh! vision encantadora!

Abrira-se, repentinamente, uma das janellas de um palacete moderno, a cujos pés, qual custosa alfombra, se estendia, até muito perto do rio, um jardim magnifico, e apparecera uma mulher. Fresca, como as flores, cujo aroma respira, gentil, formosa como o dia que saúda, contempla, com semblante aprazivel, o céo, os campos, o rio. Os seus abundantes cabellos dourados parece conservarem ainda o desalinho que lhe communicára o repouso da noite.

— É, realmente, bella! Muito se parece com a loura porteña que deixámos no Tigre.

Volta-se para dentro. Retira-se. Reapparece. Fixa os olhos no vapor. Appoia a fronte em uma das mãos e permanece pensativa com o rosto voltado para o céo.

— O que procuras, mulher? O que vês?

Baixa os olhos... Ri-se. Que adoravel bocca!

Haviam-lhe dirigido a palavra duas bonitas éreanças, travessas e buliçosas, que corriam e brincavam no jardim com um grande perro, e que, ao avistar-nos, começaram a dizer-nos adeus.

Ella seguiu-nos por muito tempo com o seu magnetico olhar.

(Continúa.)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

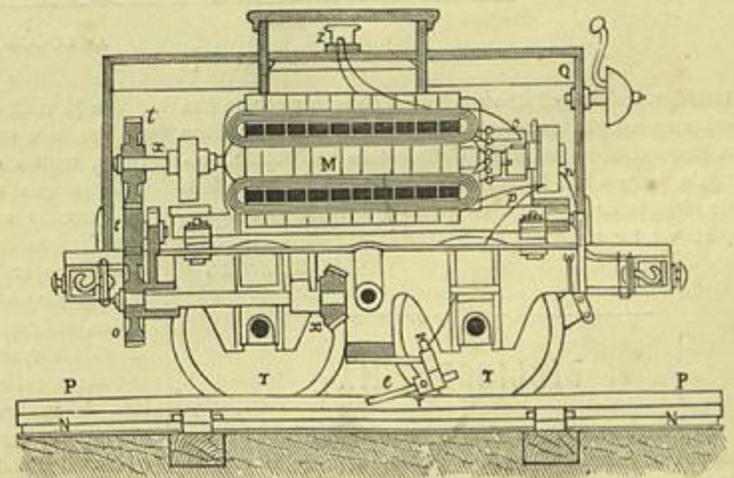
ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

Locomotiva electrica de Siemens

Fizeram-se ultimamente em Berlim experiencias muito interessantes, sobre a transmissão das forças a distancia, por meio da electricidade, em um pequeno caminho de ferro com uma locomotiva electrica de Werner Siemens.

É sabido que nas machinas magneto-electricas é dynamo-electricas se desenvolve electricidade por meio do magnetismo, empregando-se magnetes permanentes, ou electro-imans, defronte de cujos polos giram outros electro-imans com bobines, com fio de cobre isolado, no qual se desenvolvem correntes electricas de indução. O movimento de rotação é dado ao eixo em que estão as bobines por meio de um motor, geralmente uma machina de vapor. Transforma-se assim o trabalho mechanic do motor em electricidade. Reciprocamente se se introduzir uma corrente electrica no fio das bobines da machina electrica, toma o eixo d'esta machina movimento de rotação. E n'este principio que se funda a applicação da electricidade como motor na locomotiva electrica de Siemens.

A locomotiva compõe-se de um carro cujas rodas r assentam sobre os carris N de um caminho de ferro or-



Córtre longitudinal da locomotiva de Siemens

dinario, e communicam por meio de engrenagens com o eixo x de uma machina dynamo-electrica M installada sobre o dito carro. A locomotiva tem inferiormente, e a meio, uma escova metallica e que fricciona um carril central P mais alto que os dois ordinarios, collocado parallelamente, e a igual distancia d'elles, isolado sobre

travessas de madeira do melhor modo possível. A escova *e* communica pelo fio *p* com o polo positivo da machina; o polo negativo *n* communica com as rodas da locomotiva. O carril central communica com o polo positivo de outra machina electrica semelhante á da locomotiva e collocada na primeira estação; o polo negativo d'esta segunda machina communica com os carris sobre os quaes assenta a locomotiva.

Um motor collocado na primeira estação, machina de vapor, machina hydraulica ou outra qualquer, dá movimento á machina dynamo-electrica ali installada, desenvolvendo correntes electricas que são lançadas na machina dynamo-electrica da locomotiva, seguindo pelo carril central *P*,

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



CAÇA AO CROCODILO NO CUNENE (Extrahido do album de viagem dos exploradores Capello e Ivens)

escova *e*, polo *p*, percorrendo o fio das bobinas e saindo em *n*, passam nas rodas *r*, e pelos carris *N* voltam á machina da estação da partida; então as correntes fazem girar o eixo da machina dynamo-electrica, que transmite o movimento ás rodas da locomotiva, que assim caminha sobre os carris lateraes arrastando um comboio com algumas carruagens.

Segundo as experiencias feitas em Berlim o trabalho restituído pela machina electrica da locomotiva é 0,60 do trabalho gasto na machina installada na primeira estação.

Vê-se pois que na applicação feita por Siemens, á locomoção sobre um caminho de ferro, a electricidade realisa a transmissão da força a distancia,



A LOCOMOTIVA ELECTRICA DE SIEMENS

transformando o trabalho mechanico de uma machina fixa em uma estação no trabalho da machina installada sobre a locomotiva, a qual assim d'ella recebe movimento, correndo sobre a via ferrea, servindo esta ao mesmo tempo de circuito ás correntes electricas que realisam o transporte da força.

F. BENEVIDES.

BIBLIOGRAPHIA

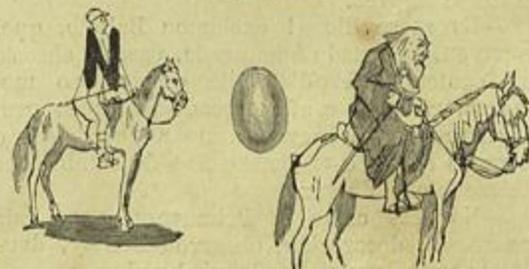
ARCHIVO DOS AÇORES. Com o sexto fasciculo, que ultimamente recebemos ficou completo o primeiro volume d'esta utilissima e importante publicação. Não é ella um florilegio ligeiro, um periodico ameno, mas sim um alicerce seguro aos futuros architectos da historia dos descobrimentos e colonisação portuguezes. Destinado o *Archivo* a illustrar a historia dos Açores, a reunir todô quantos elementos e monumentos seguros e irrefragaveis se possam encontrar para aquelle fim, tem mantido o seu severo programma imperturbavel e serenamente, sem se importar com o desfavor publico, que não tem secundado como merecia uma idéa d'esta natureza.

São já mais de cem os documentos extrahidos da Torre do Tombo e outros archivos publicos impressos pelo *Archivo*, muitos extractos de obras importantes pela maior ineditas que as suas paginas patenteam ao publico, e no pequeno espaço de 600 paginas estão reunidos elementos, que debalde se procurariam n'outra parte, porque varios archivos e bibliothecas estrangeiras tem corrido para alli. São apenas quinze as pessoas que em Lisboa assignam esta publicação! na Allemanha já é conhecida e procurada.

Quanto pode o esforço e a vontade de um homem a hem da sua terra natal, demonstra-o o *Archivo*; elle é o redactor, o collaborador e colleccionador, o copista, o editor. Reunindo na sua mão tudo quanto pôde de variedades patrias não as quer para outro fim senão para brindar com ellas os estudiosos; a sua fazenda, vontade, intelligencia e trabalho estão applicados a este fim e conseguiu um milagre n'uma terra descaravel de trabalhos sérios e proficuos. Que não desanime no meio do caminho, é o que desejamos e esperamos da dedicação e coragem do illustre michaelense o sr. Ernesto do Canto, cujo exemplo deve ficar como padrão e incentivo. Honra lhe seja, e oxalá os homens illustrados pagassem cada um obolo equal á sua terra, que as travas da his-

toria patria estariam já de todo dissipadas. Agradecemos, aguardamos a continuação d'este importantissimo trabalho, que, estamos certos, não afrouxará de interesse.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Lua nova, lua cheia, preamar ás duas e meia.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6 Rua do Thezouro Velho, 6